**UNIVERSO DIGITAL: O QUE DICAS/SUGESTÕES VOLTADAS À ESCRITA CIENTÍFICA EXPRESSAM SOBRE ORGANIZAÇÃO MACROESTRUTURAL DO ARTIGO CIENTÍFICO**

NARA Karolina de Oliveira Silva

Autor (a)

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

[narakarolina25@gmail.com](mailto:narakarolina25@gmail.com)

FERNANDO Monteiro Oliveira

Coautor

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

[fernando\_monteiro1995@hotmail.com](mailto:fernando_monteiro1995@hotmail.com)

RESUMO: Considerando que pesquisadores, sobretudo, iniciantes, enfrentam dificuldades na escrita de gêneros discursivos da esfera acadêmica, e que, dada a necessidade e a facilidade de acesso que eles encontram para recorrerem a dicas/sugestões do universo digital expressas em sites e blogs que se destinam a auxiliar o desenvolvimento de uma escrita cientifica bem-sucedida, objetivamos analisar, no presente trabalho, esses discursos sobre a escrita de textos científicos que se manifestam em dicas de sites/blogs. Interessa-nos examinar, em última instância, em que medida essas dicas dialogam com discurso acadêmico que sustentam uma escrita científica voltada às especificidades do gênero discursivo, no que concerne a sua organização retórica e macroestrutural, e, com isso, avaliar até que ponto as dicas examinadas podem colaborar efetivamente para uma escrita científica bem-sucedida. O trabalho, de natureza interpretativa, com abordagem qualitativa e quantitativa, tem como ancoragem teórica as formulações do Círculo de Bakhtin, bem como trabalhos de pesquisadores que discutem a escrita científica, sobretudo em perspectiva retórica, enunciativa e/ou discursiva e do letramento acadêmico/universitário. O *corpus* da pesquisa é composto por dicas sobre como escrever artigos científicos recortadas de sites e blogs como enago, pós-graduando, de olho no paper.

Palavras-chave: Universo digital. Escrita cientifica. Dicas. Artigo cientifico.

INTRODUÇÃO

A escrita científica tem sido foco de grandes discussões, principalmente, no que concerne às dificuldades que estudantes, sobretudo, iniciantes, encontram no universo acadêmico na produção de determinados gêneros, sejam eles o artigo científico, resumo, relatório, resenha, monografia, etc. A escrita na universidade é algo complexa, assim, o fácil acesso na universidade não implica que os estudantes se apropriem e dominem esses gêneros.

Como se sabe, com a globalização, o mundo ficou ao alcance da palma da mão e, consequentemente, permitiu-nos entrar em contato com uma vasta gama de informações provenientes do advento da internet. A democratização da informação possibilitou ao estudante, de diferentes níveis de formação, o acesso a conteúdo dos tipos/assuntos mais variados. Nesse cenário, as novas tecnologias se tornaram um auxílio na vida do jovem pesquisador, sobretudo, no que concerne a pesquisas do tipo: Como escrever textos científicos? Como ter êxito na

publicação de um trabalho? Qual a linguagem adequada na produção de um texto acadêmico? Perguntas que, dentre tantas outras, povoam a mente do estudante de iniciação cientifica (IC), este, que por sua vez, ainda não está familiarizado com o espaço acadêmico e suas convenções.

E é entendendo que os conteúdos pesquisados tanto podem prejudicar, quanto contribuir para uma escrita cientifica bem-sucedida. Assim, nos objetivamos, neste trabalho, analisar os discursos sobre a escrita acadêmica, presentes em sites/blogs, que apresentam dicas e sugestões para elaboração de uma escrita bem-sucedida. Interessa-nos investigar, como os produtores das dicas/sugestões valorizam seus discursos, no que concerne à organização macroestrutural das seções do gênero artigo cientifico.

O *corpus* da nossa pesquisa se constitui de 24 dicas/sugestões voltadas à escrita do gênero artigo científico, retiradas de sites/blogs como: *Enago, Nicolas Maillard, Pós-graduando*, entre outros. Nossa pesquisa se insere, metodologicamente, na perspectiva de uma *epistemologia das ciências humanas*, depreendida das reflexões bakhtinianas. Nesse sentido, adota um enfoque interpretativo, com uma abordagem qualitativa dos dados.

Como embasamento teórico, a pesquisa assume as formulações de Bakhtin (1997, 2003), como também, trabalhos de pesquisadores que discutem sobre a escrita científica, sobretudo, em perspectiva retórica, enunciativa e/ou discursiva e do letramento acadêmico/universitário, dentre os quais se destacam Swales (1990), Motta-Roth e Hendges (2010), Aragão (2011), Bazerman (2014), e Bessa (2016).

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: No primeiro momento, apresentaremos uma breve discussão teórica sobre os modelos IMDR e IDC e o artigo cientifico. Em seguida, apresentaremos a análise das dicas/sugestões, e, por fim, exporemos nossas considerações inacabadas.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1 Breve discussão sobre os modelos IMRD e IDC

O trabalho de escrita requer, antes de tudo, um planejamento, não só de leituras, é preciso, também, que se estruture o que se irá redigir, sobretudo, com a pouca demanda de tempo que assola o estudante. Nesse sentido, Aragão (2011) irá contribuir para essa elaboração escrita quando apresenta o modelo IMRD (Introdução-Métodos-Resultados-Discussão), que é bem presente nas produções científicas, principalmente, na produção de artigos científicos. O autor também cita o modelo IDC (Introdução-Desenvolvimento-Conclusão). Observemos o quadro, posto pelo autor, no que se refere ao modelo IMRD e suas variantes.

**Quadro 1 - Variantes do modelo IMRD.**

|  |  |
| --- | --- |
| **Grupo Variantes** | |
| I. Diferenças  Terminológicas | Introdução-Material-e-Métodos-Resultados-e Discussão  Introdução-Pacientes-e-Métodos-Resultados-e-Discussão  Introdução-Casuística-e-Métodos-Resultados-Discussão  Introdução-e-Objetivo-Método-Resultados-Discussão |
| II. Diferenças Secionais | Introdução-Métodos-Resultados-Discussão-Conclusões Introdução-Métodos-Resultados-Discussão-e-Considerações- Finais  Introdução-Objetivos-Revisão-da-Literatura-Métodos-Resultados-Discussão- Conclusões |
| III. Diferenças Terminológicas e Secionais | Introdução-Material-e-Métodos-Resultados-Discussão-e-Conclusões  Introdução-Experimental-Resultados-e-Discussão-Conclusões Introdução-Casuística-Resultados-Discussão-Conclusão Introdução-com-Revisão-de-Literatura-Material-e-Métodos-Resultados-e-Discussão- Conclusão |

Quadro elaborado por Aragão (2011).

O autor afirma que, nesse modelo IMRD, e em suas variantes, as seções finais (Resultados e Discussões) passam por muitas fusões e que suas variantes, que incluem uma seção para conclusões, apresentam três configurações que indicam essas fusões. “Admitem-se três configurações que contêm fusões: 1) “Resultados”, “Discussão” e “Conclusões” em uma única seção; 2) “Resultados” e “Discussão” em uma só seção e “Conclusões” à parte; 3) a seção “Resultados” separada e as seções “Discussão” e “Conclusões” juntas.” (ARAGÃO, 2011). Aragão (2011) ainda destaca que, no segundo grupo (Diferenças Secionais), a terceira variante (Introdução-Objetivos-Revisão-de-Literatura-Métodos-Resultados-Discussão-Conclusões) pode adotar a revisão bibliográfica na introdução.

2.2 Gênero artigo cientifico e seu status no meio acadêmico

Como é sabido, nos comunicamos por meio de gêneros. Há os menos complexos, que recebem o nome de gênero primário, como, por exemplo, uma conversa, uma piada, uma receita, etc., como também existem aqueles que requerem uma maior complexidade na sua produção por circularem em esferas de prestígio social, que são eles: o resumo, a resenha, o ensaio, o sermão, o artigo, etc., denominados gêneros secundários. Trataremos, aqui, dos gêneros secundários, uma vez que estamos trabalhando com o artigo cientifico, que está inserido no ambiente acadêmico cientifico.

Os gêneros são, assim, denominados *tipos, relativamente estáveis,* de enunciados (BAHTIN, 2011), ou seja, podem vir a se modificar de acordo com a necessidade do falante sem perder a finalidade comunicativa a qual se destinam. Nesse cenário, levantamos a questão de que Bakhtin (2011) trata de que moldamos o nosso discurso conforme o outro e a finalidade comunicativa. Falamos sempre com um outro, um enunciado é lançado para se obter uma resposta, mesmo que essa seja o silêncio, pois, o falante, não deseja ouvintes passivos, mas sujeitos que participem ativamente da comunicação discursiva. Chegamos, aqui, a um dos três componentes do enunciado que foram mencionados anteriormente, o *endereçamento* ou *direcionamento,* ou seja, sempre falamos de alguma coisa valorando cada palavra, cada enunciado e fazemos isso sempre nos dirigindo a alguém, denominado por Bakhtin como *destinatário,* este, por sua vez, pode ser

[...] um participante-interlocutivo direto do diálogo cotidiano, pode ser uma coletividade diferenciada de especialistas de algum campo especial da comunicação cultural pode ser um público mais ou menos diferenciado, um povo, os contemporâneos, os correligionários [...] o chefe, um inferior, um superior, uma pessoa intima um estranho, etc.; ele também pode ser um outro totalmente indefinido, não concretizado [...] Todas essas modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. (BAKHTIN, 2011, p. 301)

Como sabemos, cada esfera comporta seus gêneros de prestígio, na esfera universitária contamos com uma diversidade de gêneros, todavia, por conta dessa instabilidade nos gêneros, temos aqueles que circulam pelas várias disciplinas, divulgando resultados de diferentes áreas do conhecimento. Tomamos como ilustração, dessa afirmativa, o artigo cientifico. Segundo Bessa (2016, p. 92)

Como a esfera acadêmico-científica corresponde ao espaço da atividade de construção e divulgação do conhecimento que apresenta convenções próprias bem estabelecidas, fundadas numa certa necessidade de normatização rígida dos textos que dela emanam, o artigo científico é um tipo relativamente estável de enunciado, que revela uma forte tendência de padronização e de menos liberdade para quem o produz. Poderíamos dizer, em termos bakhtinianos, que esse gênero não se presta tão facilmente a uma reformulação livre e criadora.

Contudo, esse mesmo autor reitera que a produção desse gênero não se dá tão engessada, que o estilo individual do produtor encontra “brechas” na natureza do artigo, assim, a presença dessa individualidade se dá no todo da obra, conforme Bakhtin (2011), uma vez que, quanto mais dominamos os gêneros discursivos, mais seremos capazes de agir sobre eles. Bessa (2016, p. 92) assinala ainda que “[...] o grau de liberdade de expressão do pesquisador, ao produzir um artigo, varia de cultura disciplinar para cultura disciplinar e mesmo no interior de uma dada cultura disciplinar, a depender das condições de produção, circulação e recepção.” Grossmann (2015), assim como Bessa (2016), defende essa não universalização da escrita cientifica, apesar de a mesma apresentar alguns pontos que se enquadram em diferentes áreas.

A ideia de padronização do gênero artigo cientifico é, também, perceptível em Aquino (2010, p. 12- 13): “Um artigo cientifico (completo) possui um padrão e características básicas, quer seja publicado em um periódico nacional ou internacional. As partes que compõem são doze”

As partes que compõem o são doze:

1. Título
2. Autor
3. Afiliação
4. Resumo (Abstract)
5. Palavras-chave
6. Introdução
7. Objetivo
8. Material e Métodos
9. Resultados e Discussão
10. Conclusão
11. Agradecimentos
12. Referencias bibliográficas

Ainda sobre a importância desse gênero como meio de divulgação de conhecimento, Bezerra (2015, p. 02) expressa que “O artigo científico, particularmente, desfruta de um status especial como o gênero de maior visibilidade e centralidade em boa parte das disciplinas.” Além de ser um dos gêneros mais complexos e requeridos para fins de publicação, ou seja, “[...] é amplamente difundido no âmbito universitário, fundamentalmente porque nos últimos anos tem se transformado no principal indicador de produtividade científica [...][[1]](#footnote-1)” (GONZÁLEZ; RIVAS, 2017, p. 67). Como vivemos no *boom* das publicações, estamos em constante contato com enunciados dos mais variados tipos, e a novidade, dentre outros aspectos que irá tornar um texto atrativo para ser lido.

3 RESULTADOS ALCANÇADOS

Apresentaremos, a seguir, a análise das dicas/sugestões no que concerne à organização macroestrutural do artigo cientifico, tomando cada enunciado como único e singular, considerando também o seu lugar de produção.

Gráfico 1: Quantificação de Estruturação de seções do trabalho

Elaborado pelos autores (2018)

Observando o gráfico 1, pode-se perceber que, quase todas as dicas/sugestões analisadas, mais especificamente 16 das 24 dicas, ou seja 40%, especificam as seções que devem conter um artigo cientifico, trazendo muitas vezes em seu conteúdo algo que oriente o leitor sobre a estruturação de uma dada seção. É importante salientar que os textos analisados foram identificados os dois modelos de instruções propostos por Aragão (2011), a saber: o modelo *Introdução-Métodos-Resultados-Discussão* (IMRD) e o modelo *Introdução*-*Desenvolvimento*-*Conclusão* (IDC), sendo que o modelo (IMRD) teve mais ocorrências, mais especificamente, em quatorze das dezesseis, enquanto que o segundo, aparece em número bastante reduzido nas dicas.

Vejamos abaixo trechos das dicas e os modelos de estruturação apresentados por elas.

(1)

|  |
| --- |
| Se for um **artigo cientifico** solicitado no decorrer de um curso de graduação, provavelmente será um artigo cientifico simples, composto por introdução, desenvolvimento, conclusão e referencias [...] (DAC19, grifo negrito autor, grifo sublinhado nosso) |

(2)

|  |
| --- |
| Corpo do artigo dividido em introdução, desenvolvimento e conclusão (mas não usam títulos para isso) (DAC21, grifo nosso) |

Os dois fragmentos acima ilustram o modelo Introdução-Desenvolvimento-Conclusão (IDC). Observando os excertos, percebe-se que as seções apresentadas por estes não admitem fusão como acontece no modelo (IMRD), explicitando que estas não podem ser nomeadas conforme o estilo do produtor. Outro aspecto importante que também foi observado entre essas dicas é que os exemplos (1) e (2) apenas mencionam as seções, enquanto que o DAC02 e DAC15 trazem um detalhamento do que cada seção deve conter.

(3)

|  |
| --- |
| O artigo apresenta uma **introdução** que contextualize a área temática e o **problema especifico** investigado. [....] A seguir, o artigo descreve os **matérias** e os **métodos** usados para conduzir a investigação usados para conduzir a investigação de problema, e expõe os **resultados** e sua devida **discussão**. Após isso, é apresentada a **conclusão**, que responde diretamente ao problema investigado [...] A isso se segue a lista de **referências bibliográficas** e, se necessário, apêndices e anexos. (DAC18, grifos do autor) |

(4)

|  |
| --- |
| Planeje seu artigo. Seu artigo deve ter 5 partes:  • Introdução  • Materiais e métodos  • Resultados  • Discussão  • Referências (DAC14) |

Os trechos em evidencia revelam que as dicas adotam o modelo *introdução-Métodos-Resultados-Discussão* (IMRD) no que concerne à definição/conceituação das seções, bem como a nomeação das mesmas. De modo que as seções explicitadas, como sendo consideradas “padrão”, são as seguintes: *Resumo*, *Introdução*, *Metodologia, Resultados, Discussão, materiais* e *métodos* (sendo nomeada também como *corpo do artigo* ou *desenvolvimento), conclusão* e *referências.* Ainda sobre esses textos, é importante salientar que, nenhuma deixa claro se a organização textual que trazem diz respeito a um dado campo disciplinar, assim como parte dessas dicas se detém, muitas das vezes, a uma (s) e/ou alguma (s) seção (ões) especifica (s), como é o caso da dica: *Como escrever uma seção de discussão* (DAC10), que trata apenas da seção de *discussão*, e a dica: *Escrevendo a seção introdução* (DAC13) que trata da seção *introdução*.

Se faz necessário esclarecer ainda que há dicas em que a seção de resultados e discussões aparecem separadas, como por exemplo: DAC01, só com a seção de resultados e a dica DAC10 com a seção de discussão. Assim como essas dicas apresentaram certo tom prescritivo em relação as seções do trabalho, há aquelas mais abertas ao estilo do produtor como se pode observar nos exemplos abaixo.

(5)

|  |
| --- |
| Embora a maioria dos artigos obedeçam uma sequência padrão (**Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusões e Referências Bibliográficas**) a redação do artigo não precisa necessariamente seguir essa mesma ordem.  Alguns autores sugerem que você comece a escrever um artigo cientifico pelos objetivos e pelas conclusões do trabalho, de acordo com a análise crítica dos resultados encontrados.  Já outros autores acreditam que seja melhor começar a escrever um artigo cientifico pelo seu resumo. [...] Mas a forma mais produtiva de começar a escrever um artigo cientifico é começar pelas partes do artigo a medida em que pensa nelas. (DAC01, grifo nosso) |

(6)

|  |
| --- |
| No entanto, assumindo que a maior parte da pesquisa foi realizada, como e quando começar a escrever um artigo científico?  A resposta para essa pergunta é bastante pessoal. Cada pesquisador desenvolve uma estratégia para escrever o manuscrito. (DAC06) |

Analisando os excertos fica claro que, as dicas DAC06 e DAC01, também explicitam as seções que deve conter no artigo cientifico, todavia, são mais flexíveis ao estilo do produtor, quando dá liberdade para escrita, ou seja, não determinam por qual seção deve-se dá a escrita. Segundo os produtores, dessas dicas/sugestões, o importante é começar a escrever por aquela

seção onde o produtor se sinta confortável, porque a escrita é processo, e, muitas vezes, a produção de uma determinada seção flui mais que outra, assim, mecanizar e determinar a escrita seria restringir a liberdade de produção e criação.

CONCLUSÃO

Com o advento da internet, o fácil e rápido acesso acabaram se tornando ferramentas de pesquisa no contexto educacional, sobretudo, para aqueles que estão em busca de informações, dicas, sugestões, em relação à escrita acadêmica. A praticidade que a internet e esses elementos oferecem, fomentam aos pesquisadores a irem ao encontro desse espaço digital, com o intuito de buscar auxílio na produção de um determinado gênero.

A partir do nosso olhar dialógico sobre os textos, notamos que, as dicas/sugestões se apresentam diversas, quanto a maneira que trazem as seções que compõem o artigo cientifico. Desse modo, a análise nos permite dizer que, o modelo *Introdução-Métodos-Resultados-Discussão* (IMRD) aparece em destaque para ser utilizado para estruturação das seções, alguns dos textos analisados apresentam um detalhamento das seções, como acontece na DAC18, como também há dicas que só expõem as seções de forma objetiva, como acontece, por exemplo, na DAC14, bem como há aquelas que tratam de uma seção em especifico.

Evidenciamos, também, dicas/sugestões que apresentam um tom bastante prescritivo, no que se refere à composição de cada seção do artigo cientifico e que, muitas vezes, acabam não considerando às especificidades dos gêneros e da área disciplinar, com isso, tendem à serem genéricas, o que consideramos ser um ponto negativo, uma vez que todo campo disciplinar possui suas particularidades não só no que se refere ao discurso acadêmico cientifico, mas também na produção de determinados gêneros.

Contudo, pode-se concluir que, as dicas/sugestões apresentadas, podem ser úteis na medida em que o pesquisador não disponha de tempo, e na medida em que o estudante tenha consciência de que esses textos podem servir não como uma “camisa de força, mas como um norte para auxiliá-lo na escrita do gênero artigo cientifico, no que se refere à sua organização macroestrutural.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, R. M. L. **Modelos para a estruturação de artigos científicos**: um estudo de instruções aos autores a introduções de artigos de revistas da Scientific Electronic Library Online do Brasil. São Paulo, 2011.

AQUINO, I. de S. **Como ler artigos científicos: da graduação ao doutorado**. 3º ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEZERRA, B. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 61-76, jan./abr. 2015.

BESSA, J. C. Dialogismo e construção da voz autoral na escrita do texto científico de jovens pesquisadores. 2016. 385 f.Tese (Doutorado em Linguistica e Lingua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquista Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara).

GONZÁLES, C. R. N. El artículo de investigación científica: regularidades y variación a través de las disciplinas. In: IBÁÑEZ, R. GONZÁLEZ, C. **Leer y escribir para aprender**. Valparaíso: Ediciones Universitarias de Valparaíso, 2017, p. 1-400.

GROSSMANN, F. Por que e como as coisas mudam? Padronização e variação no campo do discurso científico. In: ASSIS, J. A.; BOCH, F.; RINCK, F. (Org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge:

Cambridge University Press, 1990.

1. Tradução do original em espanhol sob nossa responsabilidade: “[...] es un género ampliamente difundido en el ámbito universitario, funda- mentalmente porque en los últimos años se ha transformado en el principal indicador de productividad científica [...]” (GONZÁLEZ; RIVAS, 2017, p. 67). [↑](#footnote-ref-1)